



Métodos, técnicas e tendências de pesquisa em estudos de religião 2

doi: 10.20426/P.2178-8162.2016v7n14p027

RELIGIÃO EM TEMPOS DE MUDANÇA: O CRISTIANISMO CATÓLICO EM CONTEXTO DE METRÓPOLE

Welder Lancieri Marchini¹

RESUMO

A metrópole traz consigo novas constituições e características que conseqüentemente influenciam numa nova configuração da religião vivida neste contexto. O presente artigo busca entender a vivência do cristianismo católico em contexto de metrópole. A partir de pesquisa que acompanhou o processo catequético na paróquia Nossa Senhora da Conceição, em São Paulo, pudemos elencar e analisar as características do cristianismo paroquial na perspectiva da subjetividade do indivíduo metropolitano, da crise das instituições e de uma moral pautada no bem-estar. A religião em contexto metropolitano assume cada vez mais características de prestação de serviço.

Palavras-chave: Metrópole. Cristianismo católico. Subjetividade. Crise das instituições. Moral do bem-estar.

ABSTRACT

The metropolis brings new constitutions and characteristics that consequently influence a new configuration of practiced religion in this context. This article seeks to understand the experience of Catholic Christianity in the context of the metropolis. This research that accompanied the catechetical process in the parish Nossa Senhora da Coneição in Sao Paulo, we were able to list and analyze the features of the Christianity parish in the perspective of the subjectivity of the metropolitan individual, the crisis of institutions and a moral based on welfare . Religion in metropolitan context assumes ever more features of service.

Keywords: metropolis. Catholic Christianity. Subjectivity. Crisis of institutions. Moral welfare.

INTRODUÇÃO

¹ Mestre em Ciências da Religião, PUC-SP. Professor convidado do curso de Pós-graduação da UNIFAI e do ITESP. E-mail: welder.marchini@gmail.com.



Na tradição católica, aquele que busca um sacramento, em tese, está buscando se inserir na vida comunitária. A comunidade se constitui juridicamente dentro de uma organização paroquial. Mas, na prática, a busca pelo sacramento parece acontecer mais como uma opção de vida que uma adesão comunitária. Haveria aqui uma tensão entre o modelo de adesão comunitária, mais rural e institucional, e a busca de uma religiosidade personalizada, mais metropolitana. Essa tensão também pode dar lugar a um hibridismo com a cultura metropolitana ou mesmo à assimilação dela. A paróquia Nossa Senhora da Conceição (NSC), no bairro do Tatuapé, em São Paulo, traz em si um misto de características interioranas, nos moldes tradicionais da organização paroquial, com o ritmo de vida e as características de uma região metropolitana².

Nosso objeto de estudos se encontra no espaço de intersecção entre a paróquia e a metrópole. Sabemos que essas duas realidades são amplas e mereceriam estudos aprofundados. Mas há lugares onde elas se encontram. A paróquia surge na história para responder às necessidades do mundo rural (ALMEIDA, 2009, pp. 42-43; FLORISTÁN, 2001, p. 11). Essa estrutura de organização passa a ser universalizada e chega também a contextos metropolitanos. A paróquia NSC será o lócus onde nosso objeto se encontra. Queremos entender se as configurações da organização e dinâmica paroquial católica em contexto de metrópole se diferenciam da organização não metropolitana (que poderíamos chamar também de tradicional, pré-moderna, rural ou feudal).

Para ilustrar nossos estudos, tomaremos como amostra o grupo de catequese permanente da paróquia NSC, que conta com a participação de aproximadamente 35 pessoas. Ele se constitui como um misto entre aqueles que buscam os sacramentos de iniciação (este grupo também é chamado em vários lugares de catequese de adultos) e aqueles que participam há mais tempo da comunidade paroquial e que buscam neste grupo um espaço de aprofundamento do conhecimento sobre a doutrina e a vivência católica. Nossa atenção estará voltada principalmente – mas não

² Sabemos que a organização religiosa católica conta com demais modelos ou cenários. Aqui nos ocuparemos de uma configuração paroquial específica. Sobre suas variações e possibilidades ver MARCHINI, W. L., 2015.



exclusivamente – aos que buscam os sacramentos de iniciação, já que em tese buscam a adesão à comunidade.

A análise da relação sujeito-paróquia será feita a partir de três aspectos: a crise das instituições na sociedade hodierna, a supervalorização do indivíduo e a transição da vivência de uma moral do dever para uma moral do bem-estar. Os referenciais teóricos para esta análise, os colocaremos adiante.

Há na paróquia NSC um hibridismo formulado a partir de características paroquiais institucionais – próprias de um modelo rural presente na história do bairro e da comunidade eclesial – e de características metropolitanas – marcados por uma desinstitucionalização da vivência religiosa. Além das diferentes configurações de tempo e espaço apresentados pela metrópole, encontramos um exacerbado hibridismo cultural. São várias as possibilidades culturais apresentadas ao indivíduo, que construirá seu próprio roteiro religioso. Sua religião assumirá os mais variados modelos, muitas vezes presentes dentro de uma mesma paróquia, e encontrará diferentes públicos, que participarão das atividades ou eventos religiosos de acordo com suas preferências e critérios. Devido à falta de material que retrate o cotidiano e a história do bairro recorreremos à tradição oral, seja para entender seu passado ou seus habitantes do presente³.

1. A PARÓQUIA NSC, O LÓCUS DE NOSSO ESTUDO

Uma paróquia se constitui sempre como um organismo complexo. São vários os serviços oferecidos por ela e também são vários os grupos que a frequentam. Diante dessa complexidade nos deparamos com o dado de que a paróquia – não enquanto organismo canônico ou administrativo, mas enquanto corpo eclesial – se constitui pelo conjunto de seus membros. Como então fazer uma pesquisa metodologicamente válida? Consideramos que na paróquia não há um cadastro ou uma central que contabilize o número de seus participantes. Além disso, aqueles que semanalmente participam de são considerados integrantes da paróquia juntamente com aqueles que executam algum trabalho pastoral ou até aqueles que residem no território paroquial,

³ Como base para a história oram como método ver BONVINI (2001) e PORTELLI (2001).



mesmo que não participem das missas. Essa concepção de paroquiano inviabilizaria tomar como base, por exemplo, o cadastro dos dizimistas. Ele deixaria de fora um alto número de pessoas que têm outro tipo de envolvimento com a paróquia mas não contribuem financeiramente para a manutenção de sua estrutura.

A paróquia organiza um grupo de catequese de adultos que, por contar com a participação de membros da comunidade que buscam formação, é denominado por eles de catequese permanente, nome que usaremos no decorrer da dissertação para denominar o grupo. Na prática catequética da Igreja Católica, um grupo de catequese de adultos conta com pessoas que buscam os sacramentos. São estes os chamados sacramentos de iniciação – batismo, confirmação e eucaristia – que são os ritos de iniciação da Igreja Católica para uma participação efetiva na comunidade. Com eles, a pessoa pode participar das missas recebendo a eucaristia e é reconhecida como membro da comunidade católica. Falar com essas pessoas nos levaria a entender o porquê de elas quererem uma adesão institucional, o que em nossa hipótese seria contrassenso levando em conta que a participação religiosa em contexto metropolitano seria eventual e descompromissada com as estruturas institucionais. Acompanhar este grupo seria um ótimo modo de colocarmos nossa hipótese à prova e encaminharmos nossa pesquisa. Buscaremos nos itens que se seguem expor nossas opções metodológicas no contato com o grupo de catequese permanente bem como a justificativa de nossas opções.

2. A CATEQUESE DE ADULTOS OU CATEQUESE PERMANENTE

Ao escolhermos a catequese de adultos como amostra para nossa pesquisa nos deparamos com uma situação bastante diferente da pensada anteriormente, quando entrevistaríamos as pessoas que frequentam as missas. Para entendermos essa nova situação, procuraremos expor a maneira como funciona a catequese de adultos na paróquia NSC e a metodologia de nossa pesquisa.

Os adultos que querem receber os sacramentos participam da chamada catequese permanente. Ela não se limita à participação daqueles que receberão os sacramentos de iniciação. Junto deste grupo de catequese de adultos, intitulado pela paróquia de catequese permanente, participam agentes de pastoral e pessoas interessadas no conhecimento dos ensinamentos católicos. São pessoas que já receberam os sacramentos, seja há pouco ou há muito tempo, e que querem se aprofundar em



algum tema da doutrina católica. Outro perfil dos participantes da catequese permanente são os de leigos que, mesmo não tendo um envolvimento pastoral com a paróquia NSC querem buscar algum conhecimento. Seria esse grupo o numericamente mais expressivo entre os participantes da catequese permanente.

O catequista da catequese permanente – aquele que acompanha a turma quase que como um tutor – é, neste caso, o pároco. Isto, comumente, não acontece. Geralmente os catequistas são leigos. Ao acompanhar, como catequista, a turma de catequese permanente, ao nosso modo de ver, o padre consegue suprir a necessidade de formação e capacitação daqueles que trabalham em sua paróquia e consequentemente acompanha os que querem receber os sacramentos, visto que eles representam a menor porcentagem dentre os participantes. Ao acompanhar aqueles que irão receber os sacramentos de iniciação o padre tem maiores condições de personalizar o trabalho, buscando adequar a catequese e seus processos burocráticos à situação de cada um. Também é importante falarmos da dificuldade da paróquia NSC em encontrar leigos capacitados para acompanhar uma turma de catequese.

2.1 Quanto ao perfil do grupo de catequese permanente

O grupo de catequese permanente se constitui como um grupo heterogêneo, mas que de certo modo traz características comuns entre seus participantes. Sendo necessário para nossa pesquisa o melhor conhecimento do grupo, participamos como observador dos encontros de catequese. Nossa observação tinha dois objetivos: o primeiro de entender as motivações das pessoas que ali estavam e o de perceber qual era o seu envolvimento religioso. Depois tínhamos a intenção de selecionarmos algumas pessoas para que pudéssemos fazer uma pesquisa qualitativa mais aprofundada sobre alguns temas que, a nosso ver, seriam interessantes para traçarmos o perfil daqueles que buscam a catequese.

Participamos dos 10 primeiros encontros da catequese permanente no ano de 2014. No decorrer dos dez encontros de catequese permanente que observamos pudemos fazer um levantamento da média de participantes. Como a turma não é fechada e a participação de nenhum dos membros – inclusive daqueles que receberão os



sacramentos – não é controlada, encontramos uma oscilação do número de participantes.

A média de participantes a cada encontro é de 16,7 pessoas. Mas estes números podem ser melhor entendidos se nos debruçarmos sobre o perfil dos participantes. No grupo há aqueles que já receberam os sacramentos e estão inseridos nas estruturas e serviços comunitários. Eles participam de alguma pastoral ou movimento como liturgia e catequese. Também há aqueles que se preparam para receber algum sacramento de iniciação (batismo, primeira eucaristia ou crisma). Um terceiro perfil dos participantes são aqueles que não desempenham nenhuma função na paróquia. Fazem parte deste grupo algumas senhoras já desempenharam funções, mas não o fazem no momento.

O número de participantes que buscavam receber algum sacramento, considerando todo o período de nossa observação foi de 2 pessoas. São duas jovens que se preparavam para o sacramento da crisma e uma delas buscava o sacramento por ser condição para que recebesse o sacramento do matrimônio. Considerando nossa média de 16,7 participantes, vemos que aqueles que buscam um sacramento representam 11,97% do grupo. Talvez por isso mesmo o grupo receba o nome de catequese permanente e assuma um perfil mais voltado à formação dos membros da paróquia como um todo e não catequese de adultos, mais voltado ao processo sacramental.

O restante do grupo de catequese permanente é formado por pessoas que participam das estruturas pastorais da comunidade ou pessoas que já participaram, mas que agora têm no grupo um modo de manter o vínculo com a comunidade, o que seria justificado pelo grande número de senhoras idosas que participam do grupo. Elas já tiveram uma participação mais efetiva na paróquia NSC, mas agora participam de menores encargos como o Apostolado da Oração, que assume, muitas vezes, características mais lúdicas ou de convivência, possibilitando às idosas alguns momentos de recreação, oração e participação comunitária.

No final do processo de observação dos 10 encontros escolhemos algumas pessoas com quem pudéssemos conversar. Nossos critérios obedeceram, primeiramente, a



intenção de excluir aqueles que apresentavam participação e envolvimento com os trabalhos pastorais e organizacionais da comunidade. Como já foi dito, ao nosso modo de ver eles apresenta discurso teológico interiorizado (BERGER, 1985, pp. 29-30) e suas motivações são já bastante elaboradas teologicamente. Queríamos aqueles que nos dessem informações menos elaboradas teologicamente e conseqüentemente mais vivenciais. Por isso optamos escolher aqueles que se preparavam para os sacramentos: Clara⁴ e Vinícius que se preparavam para o matrimônio, sendo que Clara participava da catequese permanente para receber o sacramento da crisma e seu noivo a acompanhava. Entrevistamos Júlia, uma jovem que se preparava para o sacramento da crisma. Também entrevistamos Isaura, uma mulher que não se preparava para receber os sacramentos, mas que junto com sua mãe Angelina se deslocava de sua casa, na região de Itaquera para participar dos encontros da catequese permanente. Como elas não residem no Tatuapé, acreditamos que fosse importante para entendermos as variáveis do fluxo metropolitano na adesão comunitária católica. Elas participam dos encontros no período em que a filha de Isaura vai à aula de inglês numa escola de idiomas que fica próxima à igreja NSC.

As entrevistas com essas pessoas foram abertas e buscaram não responder às mesmas questões, mas abordam questões referentes ao perfil de cada uma destas pessoas. Com o casal Vinícius e Clara buscamos abordar as questões relativas à moral sexual e à família; com a jovem Júlia, questões relativas à participação comunitária da juventude; com Isaura e Angelina, questões relativas mobilidade urbana e territorialidade. Com todos abordamos a questão da adesão comunitária e da relação com as estruturas católicas bem como a identificação que cada um deles apresenta com a paróquia NSC. Os dados colhidos, tanto na observação dos encontros de catequese permanente quanto nas entrevistas serão expostos nos próximos itens. Sabemos que eles não representam a totalidade daqueles que buscam os serviços religiosos, mas servirão de base para traçarmos o perfil do católico em contexto de metrópole que faremos.

⁴ Todos os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios para que seja garantido seu direito de confidencialidade.



2.2 A serviço do indivíduo

A religião metropolitana se pauta no sujeito para desenvolver seus trabalhos? Se tomarmos como base as ambiguidades da constituição do sujeito e do indivíduo (TOURAINÉ, 2009, p. 220; 2003, p. 73), poderemos ver que essa máxima pode não se apresentar de forma tão clara assim. Haveria o sujeito, projeto da modernidade, adentrado na pedagogia catequética da Igreja Católica ou a catequese forma indivíduos que se adequam às práticas da religião de massa? Sabemos que esta é uma pergunta muito difícil de ser respondida, ainda mais quando temos como base uma pesquisa de campo. Dizer se a catequese de adultos da paróquia NSC forma sujeitos ou indivíduos poderia soar um tanto quanto proselitista ou teológico. Mais que isso, queremos demonstrar neste item os dados que encontramos em campo que nos ajudam a mostrar que há, no processo catequético da paróquia NSC bem como da Igreja Católica, uma tensão entre a constituição do sujeito autônomo e a manutenção do indivíduo religioso. Queremos ainda expor os dados que nos mostram uma catequese permanente que se pautam no indivíduo como receptor de um serviço prestado. A catequese deixa, aos poucos, de ser local de recepção de um arcabouço doutrinário. Na sociedade pautada pela vontade de consumo ela assume como característica de possibilitar que o indivíduo fale de suas questões mais iminentes. A doutrina não desapareceu, mas ela assume um plano secundário. O indivíduo recorre à doutrina quando percebe que ela pode ser um instrumental para que ele entenda suas próprias questões.

Partindo do conceito de Touraine que diz que o sujeito é a vontade de um indivíduo de agir e ser reconhecido como autor (2009. p. 220; 2003, p. 73), percebemos como os dados coletados na pesquisa de campo nos auxiliam no entendimento da catequese como processo que tenciona a relação entre o sujeito e o indivíduo. Em contraponto temos o indivíduo que se constitui por sua capacidade e acesso ao consumo à medida que desenvolve seu poder financeiro (TOURAINÉ, 2009, p. 220; 2003, p. 73; LIPOVETSKY, 2011, p. 46). Essa lógica de mercado chega também à religião, fazendo com que o fiel incorpore em sua relação com a instituição religiosa, características comportamentais de um consumidor que busca satisfazer seus desejos. No campo religioso se vende a promessa da felicidade, seja ela imediata



como a que acontece na obtenção de uma graça específica como a conquista de um emprego, um relacionamento ou uma cura, mas também pode ser a felicidade de um projeto de vida que se estabelece como caminho a ser percorrido. Mas se a felicidade é prometida de forma análoga aos processos mercadológicos veremos que ela traz consigo uma efemeridade que faz com que precise constantemente ser consumida (LIPOVETSKY, 2007, p. 19). Prescindindo das consequências de uma religião que assume características mercadológicas, queremos entender como se comporta o indivíduo que a busca. Aqui não faremos juízo teológico não nos atendo à validade teológica do modelo religioso a ser assumido pelo indivíduo. O que nos interessa é perceber o quanto o indivíduo exerce seu poder de escolha acerca da religião que consumirá.

As questões referentes à tentativa da construção de um sujeito aparecem com frequência da abordagem catequética da paróquia. Se há uma efetiva construção do sujeito ou se o que temos são indivíduos institucionalizados é muito difícil dizer. Mas a catequese permanente da paróquia NSC mostra um modo próprio de se organizar, que se assume a partir de um diálogo com a realidade de seus participantes. A vida cotidiana do fiel é considerada ponto de partida do processo catequético mesmo o participante não tendo plena consciência disso ou buscando um conhecimento mais doutrinário.

Ao entrevistarmos Isaura percebemos que sua relação com a paróquia se constitui nos moldes de uma prestação de serviço. É muito elogiada a figura do padre como alguém acolhedor e diferente do padre que administra a paróquia do bairro onde ela mora. Ao descrever o modelo do padre ideal ela diz que “ele tem que cumprimentar”, tem que ser simpático e carismático. É claro que todas as pessoas querem ser bem tratadas. Mas evidencia-se a característica do padre como um funcionário que é responsável por criar um bom ambiente na empresa.

A mesma visão sobre o padre é partilhada pelos noivos Clara e Vinícius que se sentem atraídos pela figura de um padre “que aceita mais as coisas”. Além disso o padre se mostra, principalmente para a Clara, como alguém que se preocupa com os problemas de sua família. Ela relata o problema de seu irmão que usou drogas e que a fez construir uma relação diferente com o padre:



Eu tive um problema com meu irmão. Ele usou drogas por muito tempo. Até o começo desse ano. A gente acha que ele parou. A minha mãe vinha muito conversar com o padre. E ele não esquece. Então ele vê minha mãe e pergunta “então, tá tudo bem? E seu irmão? E vocês com o casamento?”. É super legal você ver poxa o padre me lembra, tá se importando. Por ele trabalhar com muita gente ao mesmo tempo ele tem um carinho especial por cada um. No ano passado na festa junina eu estava muito mal e ele lembrou da minha mãe. Ele tinha conversado com a minha mãe uma vez. E aí ele veio e cumprimentou e ele perguntou pra ela... ele lembrou o que a minha mãe tinha conversado com ele. Eu acho isso maravilhoso. É um carinho especial que ele tem com cada um. Ele sempre faz aquela pergunta e aí, tá tudo bem? Como tá seu irmão? E o casamento? Ele não esquece.

Apesar de sempre haver morado no território da paróquia NSC e conhecer os padres que por lá passaram, Clara reafirma que sua participação atual se deve à figura do padre. Usando expressões e adjetivos como “aberto”, “legal”, “gente normal como a gente” ela diz que o padre cria um ambiente mais acolhedor. Diz ainda que “o fato de ele ser mais atencioso, de ele lembrar das pessoas, dos problemas que a pessoa dividiu com ele faz essa igreja ser diferente”.

Também podemos perceber a busca da religião como entretenimento. Júlia diz que buscou a Igreja interessada nas músicas de estilo gospel e nas baladinhas. As baladinhas, também conhecidas como cristoteca, são festas onde os jovens dançam músicas cristãs numa espécie de balada onde a diferença mais evidente está no não consumo bebida alcoólica. Esses shows podem contar com momentos de oração com forte apelo emocional além de missas e exposição do Santíssimo Sacramento (que é a hóstia consagrada exposta no ostensório). No caso da Júlia, essa participação a fez buscar uma vivência mais institucional. Ela quis se preparar para receber o sacramento da crisma e diz que a paróquia a ajuda muito, principalmente na superação da depressão, que a levou a buscar a paróquia. Apesar de dizer que “não estava no fundo do poço”, tomava antidepressivos. Ela conta o episódio de sua volta à Igreja:

E aí um dia eu resolvi “tô afim de ir na igreja hoje”. E aí eu vim e nesse dia eu chorei horrores, eu chorava, chorava... eu mais chorei que assisti a missa. E aí eu cheguei em casa e eu me senti tão mais leve que parecia que aquilo que o padre tava falando era pra mim. Parecia que eu tinha escolhido aquilo, naquele momento e eu precisava ouvir aquilo. E eu comecei a frequentar. Toda semana eu vinha. Eu sentia que a cada semana eu me sentia melhor, eu me empolgava, “olha,

esse sábado tem missa”. E aquilo era um estímulo porque eu fiava só em casa. Não queria sair, não queria ver ninguém. Não queria escutar barulho. Pra mim só o barulho do moço tocando ali já me desesperava. E aquilo começou a me transformar. Pra mim foi um renascimento. Por isso que eu voltei.

E ao mesmo tempo em que a comunidade se mostrou importante no processo de recuperação da depressão, ela se mostra ainda importante para que Júlia continue livre dos antidepressivos. Sobre o modo como vive hoje, ela diz:

Faz um ano e meio. Não faz muito tempo não. E aí me incentivou pra tudo. Eu acho que eu tinha aquela coisa meio enfraquecida da fé, não lia a bíblia, não me interessava. Nada me incentivava. E hoje não. Hoje eu tenho mais confiança em Deus acima de tudo. A esperar... eu sou muito ansiosa, demais, demais, demais. Não tinha paciência pras coisas. A esperar o tempo certo de cada coisa. Hoje eu me sinto tão mais calma. As vezes as pessoas falam “nossa você está completamente mudada”. Porque se eu queria alguma coisa agora tinha que ser agora senão eu entrava em desespero.

O indivíduo passa a buscar a religião segundo seus próprios interesses e isso acontece concomitantemente a uma crise das instituições como organismos reconhecidamente capazes de orientarem a vida deste indivíduo. A aparente autonomia do indivíduo e a crise da instituição estão diretamente relacionados.

2.3 Entre o indivíduo e a instituição

Se nas sociedades tradicionais as instituições exercem grande influência sobre a vida de seus habitantes e sobre a organização social, na vida metropolitana essa influência se dilui. Longe de negarmos sua influência, percebemos que a paróquia em contexto de metrópole se constitui menos como instrumento de organização da vida de seus habitantes e se torna mais um elemento dentre tantos outros que acabam por exercer o mesmo papel. A Igreja Católica não é mais a referência primeira de uma sociedade, o que há tempos era visto pela própria arquitetura urbana que trazia o templo católico num local de destaque no centro da cidade, geralmente perto da prefeitura e da delegacia. O padre exercia papel de grande influência na organização das políticas sociais.

Percebemos que o catolicismo em contexto de metrópole, mais que constituinte normativo, assume características de prestação de serviço. Na religião interiorana



percebemos uma maior influência das organizações eclesiais na vida cotidiana de seus fiéis. Exemplo claro disso é a facilidade que apresentam as paróquias do interior em captar participantes para grupos e trabalhos pastorais. Na metrópole a participação religiosa se estabelece, sobretudo, por participação em momentos específicos ou o que podemos chamar de uma participação eventual. É importante ressaltarmos que não se trata de uma participação em eventos de massa ou a eventos de grande número de pessoas. A eventualidade se estabelece sobretudo pela participação que não depende de uma pertença institucional e de uma constância ou rotina. Por isso hoje posso ir nesta paróquia e amanhã numa outra sem nenhum problema de ordem prática.

Ao entrevistarmos Vinícius, que contrapõe sua participação na paróquia NSC com a paróquia em que participava em Iaras, cidade do interior de São Paulo com pouco mais de 3 mil habitantes, percebemos que no interior do há uma predominância das atitudes paroquiais sobre as demais atividades culturais. Sobre o período de sua infância e juventude, em que viveu em Iaras, Vinícius diz:

Minha vida antigamente era bastante religiosa. Até porque não tinha muito o que fazer lá. Eu gostava bastante de ir na catequese, sempre fui coroinha, gostava bastante de ir na igreja. Mas aqui geralmente a gente trabalha o dia inteiro e só tem o final de semana. Geralmente a gente sai, vem pra igreja... até porque as pessoas aqui em São Paulo não são assim calorosas. É diferente.

Mas ao falar sobre a sua participação na paróquia NSC depois que mudou para São Paulo, Vinícius não traz mais o gosto de ir à igreja, mas a satisfação em ser contemplado seja pela atenção dada pelo padre ou pelos discursos religiosos que atendem às suas necessidades. Longe de contrapormos o interiorano ou rural e o urbano ou metropolitano, percebemos que numa realidade mais rural ou interiorana, a paróquia exerce maior influência e muitas vezes se torna a única opção de lazer, instrução ou atividades. Também não podemos nos fechar ao fato que os desejos de satisfação do indivíduo religioso se fazem presentes também num modelo tradicional de paróquia. Na metrópole, a Igreja Católica se torna uma dentre as tantas opções e, conseqüentemente, o poder que ela exerce sobre a sociedade e seus indivíduos é menor. Clara, noiva de Vinícius, diz que na cidade de São Paulo tudo demora mais

tempo para ser feito e, segundo ela, com tanto tempo desperdiçado “acaba perdendo a graça”.

A participação dos paroquianos não mais é estabelecida pela jurisprudência territorial da paróquia. Exemplo disso é a situação trazida por Isaura e Angelina. Mesmo residindo na região de Itaquera, preferem participar das atividades da paróquia NSC. Ao descrever sua relação com a paróquia de seu bairro, Isaura diz:

Tem uma paróquia perto. Na minha adolescência eu até participei bastante. Participava de grupo de teatro, de canto. Até participava bastante. De grupo de jovens... depois que eu casei, eu fui morar no interior. E aí eu parei de frequentar. Eu morei em São Carlos. Morei lá por cinco anos. Aí acabei ficando viúva e vim embora pra cá de novo correr pro colo da mãe (risos). Eu fiquei aqui e passei a não ir mais à igreja. Eu estava muito atordoada com tudo o que estava acontecendo. Minha filha estava pequena. Então eu procurava ver mais as minhas coisas do que realmente religião. Aí a gente veio pra cá e quando eu assisti a primeira missa do padre daqui eu me encantei com o padre. Eu gostei porque era muito diferente da minha (paróquia) lá.

A grande diferença segundo ela estaria no modo como o padre gerencia os trabalhos da paróquia. Comparando os padres ela diz que a diferença está na simpatia.

Na simpatia, o padre é mais acolhedor. Não que o padre Israel⁵ não seja. Na época em que eu entrei, que ele era mais jovem, eu acho que era mais acessível. Agora ele já tá mais velho e já tá mais impaciente. Então ele dá muita bronca.

Ao que Angelina completa:

Quando as crianças começam a andar na igreja, sai de um lugar vai e depois volta, ele começa a falar. E a gente com criança, não dá pra você ficar segurando. Ela quer ir no banheiro. Então vai sair, vai no banheiro e daqui a pouco volta. Quer água... sabe. E ele não gosta. Ele gosta que fique ali. Ele dá muita bronca.

Isaura justifica então o porquê de preferir a participação na paróquia NSC dizendo: “Então foi aonde eu falei, aqui é diferente. Você se sente mais à vontade. Então foi onde eu passei a frequentar aqui”. E sua mãe completa:

⁵ Nome fictício assim como os nomes dos demais padres citados pelos entrevistados.



E ele não tem essa simpatia que tem o padre Joao⁶. De cumprimentar, de conversar, sabe? De acolher mesmo. O padre Israel, se você estiver lá na igreja, no pátio, ele te cumprimenta. Mas na rua, ele dá uma olhadinha. Se ele te conhecer ele te cumprimenta. Se ele não te conhecer ele não te cumprimenta. Ele tem que cumprimentar. Não é que nem a gente que se eu passo por você e não cumprimento você ou eu faço que não vejo. Mas o padre eu acho que é diferente. Tem que cumprimentar. O padre João é mais carismático.

Relação um pouco diferente é apresentada por Júlia, que nasceu no bairro do Tatuapé e apresenta uma maior identificação com a paróquia NSC, apesar de frequentar também outras igrejas do bairro. Depois de um tempo sem participar de atividades paroquiais, Júlia buscou a catequese para o sacramento da crisma. Sobre o critério para a escolha da paróquia que iria frequentar, diz:

É engraçado que, quando eu fui procurar pra fazer a crisma eu não vim primeiramente aqui. Apesar de ter feito minha primeira comunhão aqui, eu fui no Bom Parto. Então eu conversei com as pessoas de lá, mas ficou nessa. Eu ainda peguei telefone da pessoa responsável, mas não senti muito... não sei, é uma coisa de sentimento. Será que vai ser aqui mesmo? Vou conhecer uma outra. Aí eu vim aqui. Então eu comecei a frequentar primeiro a missa, aos pouquinhos e eu vi que eu me sentia mais a vontade, meu coração se sentia melhor aqui do que lá. Aí eu optei por aqui.

A adesão paroquial é, para Júlia, “uma questão de sentimento”. A adesão é institucional, mas passa pelo crivo do sentir-se bem no local onde se frequenta. Ainda diz que é preciso que a paróquia modifique seu modo de trabalho com os jovens. Relata que as turmas de crisma enfrentam um problema de evasão dos jovens que, no decurso do processo catequético, deixam de participar dos encontros. Ao ser questionada do porquê de tal evasão, ela diz que os encontros de catequese não são suficientes para “segurar” o jovem na paróquia. Ela diz que “Aquilo (encontros de catequese) não é o suficiente. Eles acham que aquilo fica maçante pra eles. Porque alguns são muito ativos e eles querem participar de várias formas e não encontram”. Diz ainda que a baladinha seria a melhor forma de trabalhar com os jovens.

Eu conheci muitos amigos que quando tem show, quando tem baladinha, essas coisas, lota. Missa não. Quando tem por exemplo a cristoteca, é uma balada, é cristã, mas não tem bebidas alcoólicas, primeiro tem a adoração. Mas assim, eles vão lá porque vai ter balada. A missa em si já tem um peso menor. E eu não consigo entender

⁶ O nome dos padres também são fictícios.



porquê isso. Tem uma paróquia no Itaim Paulista, que lá... eu conhecia uma pessoa e frequentava essa paróquia e eu ficava impressionada com a quantidade de jovens. E a cada vez eles fazem uma coisa diferente pra manter o jovem dentro da paróquia. Às vezes eles fazem alguma celebração com música, pega um tarde e faz um café da tarde só pros jovens e aí tocam, conversam, no meio tem a oração... tudo promovido pela paróquia. Ou então algum final de semana tem um retiro, alguma coisa assim diferente. Então os jovens são estimulados a isso e eles participam mais da comunidade através disso.

Júlia ainda diz que, apesar de o bairro contar com um menor número de jovens, eles existem, mas não são contemplados pelas atividades da igreja. Se fossem, segundo ela, a participação seria maior.

Clara nos mostra uma maior transição entre a pertença paroquial e uma adesão eventual que leva em conta a questão de afinidade. Tendo feito a catequese para a primeira eucaristia na paróquia NSC, Clara descreve sua participação do tempo em que era criança:

Meu pai nunca foi muito chegado. Mas minha mãe vem desde que era o padre Antônio. Ele era o antigo padre. Ele tava há anos aqui também. Então ela sempre veio e conseqüentemente eu era criança e vinha junto. E eu sempre gostei. Eu fiz catequese na época do padre Antônio, a gente sempre vinha à missa... geralmente eu e minha mãe.

Sua participação atual na catequese permanente para receber o sacramento da crisma é exigência do padre de Iaras, onde acontecerá seu casamento. Sobre a exigência do padre do interior, ela diz que “a coisa de lá é antiga”. E descreve o padre do Tatuapé como “atual”, por não colocar, segundo ela, a crisma como exigência para a realização do sacramento do matrimônio. Diz ela que

(...) o padre de lá, não aceitou eu casar sem crisma. Ele não. Ele disse “pra mim não tem problema”. A coisa lá é mais antiga. Eu preciso ter a crisma e sou obrigada a fazer. Aqui não. Aqui é uma opção. Você quer fazer? Ele fez eu gostar de estar aqui e de fazer essa crisma. Lá não. Lá eu seria obrigada a fazer porque eu tenho que fazer.

Menos institucional e mais preocupada com as questões cotidianas ou existenciais, segundo Clara, a fala do padre João influencia em sua decisão de participar da catequese na paróquia NSC. Diz ela que

(...) por coincidência ou não ele acaba falando justamente aquilo que a gente precisa ouvir. Ele fala algumas coisas na missa dele que são perfeitas para o dia a dia das pessoas. Pra gente tudo o que ele fala é muito útil. É muito válido as coisas que ele fala. A gente tá construindo a família agora e ele tem falado muito de família.

Vinícius diz sobre a influência do padre João, “(...) que ele consegue é ver a dificuldade que a gente tá sentindo e organizar a família, o casamento”, inclusive sobre questões financeiras. O casal ainda diz que o padre tem um discurso mais voltado a uma espécie de autoajuda. Para Clara, “(...) ele fala muito isso, de não desistir, de seguir em frente”, ao que Vinícius completa dizendo que se trata de falar “de pensamento positivo que vai dar certo”.

Por fim Clara demonstra sua vontade de continuar participando de atividades da paróquia NSC mesmo depois do término de sua catequese. Ao ser perguntada se participa de outras atividades paroquiais ela diz:

Não. Mas hoje, depois que eu tô fazendo a crisma, eu gostaria. Eu até falei com ele (Vinícius) que eu quero ver se o padre dá outros cursos. Até curso de casal eu acho legal. A minha intenção é continuar. Porque eu acho muito legal as coisas que ele passa pra gente. Depois de ter feito essa crisma com ele eu estou adorando.

Mas não se trata de participar de qualquer atividade. Ela expressa a vontade de participar de outros cursos que auxiliem na vida do casal. A participação religiosa é vista pelo indivíduo na perspectiva de suas necessidades e interesses. Esse paradigma se mantém ao olharmos para as questões morais. Os participantes se reconhecem como católicos, mas fazem uma bricolagem dos ensinamentos morais da Igreja Católica tendo em vista acolher aqueles que auxiliem numa moral do bem estar.

2.4 Entre o dever e o bem-estar

Assumindo a metrópole como uma realidade que manifesta de forma latente algumas características da modernidade (ou se suas variações e desenvolvimentos como a pós ou a hipermodernidade), teremos a valorização do indivíduo e sua relação – muitas vezes conflituosa – com a instituição religiosa, culminando numa moral que tenha como critério último o bem-estar do próprio indivíduo. Lipovetsky contrapõe essa



moral do bem-estar à moral do dever, pregada no período medieval e ainda no período moderno (2005, p. 8). Mesmo não nos ocupando com a origem de tal característica da vivência moral, percebemos que nossa pesquisa de campo revelou incidências do desejo e do bem-estar como critério.

Os participantes da catequese permanente nos revelam o desejo de satisfação, ao mesmo tempo em que assumem as práticas morais católicas. Por isso mesmo, a moral do bem-estar está longe de ser uma prática amoral (LIPOVETSKY, 2005, p. XXX). Ela tem a satisfação pessoal como critério. Isso também não significa que o indivíduo não assuma os critérios morais da religião. Mas há uma diferença. Quando os assume, o faz tendo em vista o benefício da satisfação pessoal e não a obediência da norma.

Expondo os dados encontrados em campo perceberemos que as opções morais acontecem como processo e transitam entre a obediência e a busca de satisfação. Não queremos construir uma visão que reduza a realidade moral do sujeito metropolitano à satisfação pessoal hedonista. Queremos mostrá-la em seus processos e complexidades que nos foram apresentados pelo campo.

Mais que obedecer a regras a catequese permanente buscou abordar a questão da consciência moral. Está presente no conteúdo trabalhado a ideia de que o importante não é a reta observância da lei, mas o cultivo da consciência que é capaz de entender a lei em suas circunstâncias. Na conversa com Isaura, percebemos as regras muito bem estabelecidas podem criar uma situação de não identificação. Diz ela que

Às vezes a gente diz que é impossível seguir a religião porque é algo muito regrado e é impossível seguir a religião porque tem que ser tudo muito certinho e muitas vezes a interpretação faz toda a diferença. (...) Muito regrado, “ai isso não pode, quilo não pode, isso é pecado...”. Gente, se for do jeito que o povo fala você não vive mais porque você tá sempre errado. Em tudo.

Ao acompanharmos os encontros e realizarmos as entrevistas, percebemos que a busca do bem-estar assume uma característica peculiar. Tudo é permitido na busca da satisfação e do bem-estar, mas isso se limita à esfera da vida privada, não chegando à vida pública. Essa busca do bem-estar não é vista, por exemplo, nas relações trabalhistas. As relações de esfera pública parecem assumir a perspectiva



da aparência e da performance. No mundo do trabalho o importante é a imagem que eu construo e minha performance profissional dentro da empresa ou estabelecimento trabalhista. Mas não recebemos informações suficientes sobre a esfera pública nos encontros e entrevistas que fizemos e por isso não nos ocuparemos desta análise.

Na dinâmica entre o público e o privado, aquilo que o indivíduo entende que diz respeito à sua vida íntima, a sexualidade se aponta como assunto comum, principalmente quando diz respeito aos jovens (LIPOVETSKY, 2005, p. 54). Para Clara, essa divisão entre o público e o privado fica bastante evidente. Se por um lado ela acredita que a igreja católica não pode interferir no modo como ela vive a vida sexual com seu namorado, por outro ela define com bastante clareza de uma prática sexual indiscriminada. Seu critério para a relação sexual é o amor que sente pelo namorado. A igreja assume mais o papel de instrução não cabendo a ela determinar o que é ou não pecado. Assim como a igreja não é responsável por apontar se o sexo entre o casal é pecado, ela não deveria, segundo Clara, coibir o uso de preservativos e deveria se abrir à ideia de que o sexo não é unicamente para a procriação.

Para Vinícius consiste num avanço a Igreja trabalhar questões relativas à sexualidade na catequese permanente. Sua vivência catequética na paróquia do interior de São Paulo tratava de tais assuntos, mas de maneira a dizer o que era certo e errado e de uma maneira, segundo suas palavras, mais “reservada”.

Júlia difere das ideias de Clara quanto aos critérios para a relação sexual. Para ela o sexo será bem vivido se na cabeça o jovem “tiver uma instrução certa”. Mas mesmo assim, o critério continua sendo “ter consciência do que você sente, do seu corpo, do que você acha que é certo e você não quer fazer alguma coisa só porque os outros estão fazendo, pra fazer também”.

Os jovens entrevistados apresentaram a mesma opinião quanto à ideia de que a Igreja é responsável pela instrução aos jovens, principalmente nas questões relativas à sexualidade. Para Júlia, a Igreja pode ser responsável por uma instrução que muitas vezes não é dada pela família. Ela acredita que o jovem, quando não é instruído, pode agir de maneira imprópria. Diz Júlia:

(...) muitos jovens, eu acho que a formação deles em casa, a parte do caráter, a educação, às vezes é precária. E muitos encontram na paróquia... eles conhecem pessoas e encontram a forma de agir. Eles vêm como fazer o bem, como reverter isso pro bem do próximo. Eles acabam tendo mais incentivo na paróquia do que em casa mesmo. (...) Lá eles conseguem um apoio que em casa eles não conseguem. Então eu acho que é muito importante para a formação do jovem assim também, pra ele ver o que acontece lá fora e como é lá dentro. Por exemplo, às vezes você fala “só existe gente que faz maldade, não existe jovens bons, os jovens estão perdidos, a juventude não presta” e você entra na paróquia e conhece tantos jovens bons que são incentivados, que fazem coisas pro bem do próximo, que se preocupam com a sociedade, não só em fazer o mal. Isso é muito bom e acho que os jovens acabam sendo incentivados.

Ainda sobre o papel da Igreja em relação à orientação sexual, Vinícius diz que essa orientação deve acontecer mais como conselho que como influência. Diz ele:

Eu acho que a igreja deve sim influenciar. Não influenciar na vida sexual da pessoa, mas aconselhar. Porque eu entendo a religião como um lugar muito bom que você se sente bem e os conselhos também. O papel da igreja pra mim é aconselhar mesmo.

Clara entende a igreja mais como orientadora de um agir e não uma instituição que busca delimitar normas de conduta. Orientações genéricas como “o ser humano deve buscar sua dignidade” são aceitas. Mas a instrumentalização deve ser opção do indivíduo. Diz Clara que:

Por exemplo quanto ao sexo, ela não deveria dizer que não deve e sim dizer que você deve se preservar, fazer com quem você gosta e não sair por aí com todo mundo. Isso sim seria bom de se trabalhar com os jovens.

Nos encontros de catequese permanente o tema não é recorrente. Sendo o grupo de uma idade que não o caracteriza como juvenil, os exemplos dados acerca da moral da sexualidade acontecem de forma a ilustrar a ação alheia. Exemplo é a fala de uma participante que, no *décimo encontro*, diz que é preciso pensar outro método de combater o aborto. Segundo ela a mãe deve dizer à sua filha “tome pílula mas não faça um aborto”. Há uma perspectiva de olhar a moral a partir do mal menor ou a partir de uma visão antropológica. Mas se faz presente uma moral construída a partir da busca de um diálogo com a realidade e não na pura observância da norma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cristianismo católico em contexto de metrópole mostra, mais que mudanças estruturais, tendências. Não podemos dizer que estas tendências não existem numa paróquia de organização mais tradicional ou interiorana. Mas com certeza, na metrópole, estas tendências se mostram mais latentes. Caberia perceber se estas mesmas tendências se fazem presentes em outros modelos eclesiais católicos ou mesmo em outras religiões. A vivência religiosa é cada vez mais personalizada e assume características de prestação de serviço, diluindo a presença e alcance institucional na vida de seus adeptos e da sociedade local.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Antonio José de. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985. (Coleção sociologia e religião)

BONVINI, Emilio. Tradição Oral afro-brasileira as razões de uma vitalidade. Tradução de Karim Khoury. In: **Projeto História: história e oralidade**, n. 22. PUC SP: Junho/ 2001. p. 37-48.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. (Ensaio Latino-americanos, 1)

CARLOS, Ana Fani Alessandri Carlos, OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de (org.). **Geografias de São Paulo: Representação e crise da metrópole**. São Paulo: Contexto, 2010.

ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michael. Metodologia em ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. pp. 63-73.

FLORISTÁN, Casiano. Para compreender la parroquia. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2001.

GUERRIERO, Silas. Objetividade e subjetividade no estudo das religiões: desafios do trabalho de campo. In: **PLURA – Revista de estudos de religião**, v. 1, 2010, pp. 54-65.



HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2005.

_____; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

_____; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MARCHINI, Welder Lancieri. **Plantando a cruz em chão de concreto**: o cristianismo católico em contexto de metrópole. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

_____. Da religião familiar à religião do indivíduo: uma leitura dos processos de iniciação comunitária da paróquia Nossa Senhora da Conceição.. In: **VII congresso internacional em ciências da religião**, 2014a, Goiânia. Anais VII CICR, 2014. p. 31-38.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (org). **A fé na metrópole**: desafios e olhares múltiplos. São Paulo: Paulinas: EDUC, 2009.

_____; USARSKI, Frank (orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

_____; VILHENA, Maria Angela (org). **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas: EDUC, 2009.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: **Projeto História**: história e oralidade, n. 22. PUC SP: Junho/ 2001. p. 9-36.

PRADO JR. Caio. **A cidade de São Paulo**: geografia e história. 13 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra; CAMPOS, Fabiano Victor de Oliveira. Senso religioso contemporâneo e os sem religião: uma provocação a partir de Emmanuel Lévinas. In: **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 312-331, jul./dez. 2014. Disponível em <<http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/3579/2082>>

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2013.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. 9. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

_____. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Tradução de Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

